



## O mar é um caminho: Diálogos entre Educação Física e Educação Ambiental<sup>1</sup>

Cláudia Foganholi<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1073-9656>

Graciella Faico<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9075-5180>

Rodrigo Fernández<sup>4</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-3264-1087>

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo relatar o processo de desenvolvimento da disciplina optativa Educação Física e Educação Ambiental, no curso de formação de professoras/es de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói/RJ. No caminho metodológico adotado analisamos a experiência de três edições realizadas, entre os anos de 2023 e 2024, de modo a identificar possibilidades de deslocamentos epistêmicos em diálogo com as percepções das experiências relatadas pelas/os estudantes. Nesta análise, ressaltamos a viabilidade de diálogos entre diferentes campos de saberes que confluem, em uma abordagem sistemática e sensível à vida planetária, para a construção de respeitosas relações e maneiras de ser e estar ao mundo, com os seres humanos e não humanos. Dessa forma, esperamos contribuir para a reflexão sobre as atuais demandas ecológicas de nossas sociedades a partir de práticas educativas que considerem as diversas motricidades e epistemologias.

**Palavras-chave:** Educação Física. Educação Ambiental. Baía de Guanabara. Cultura Oceânica. Ecomotricidade.

## El mar es un camino: Diálogos entre Educación Física y Educación Ambiental

<sup>1</sup> Recebido em: 20/06/2025. Aprovado em: 27/11/2025.

<sup>2</sup> Licenciada em Educação Física e Motricidade Humana pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar (PPGE/UFSCar). Membro da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH). Professora adjunta no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [claudiafoganholi@id.uff.br](mailto:claudiafoganholi@id.uff.br)

<sup>3</sup> Psicóloga. Doutora em Psicossociologia e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa EICOS/IP/UFRJ). Pós-doutoranda pelo Programa EICOS. Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Chefe da Seção de Sustentabilidade da UFF. E-mail: [graciella@ufrj.br](mailto:graciella@ufrj.br)

<sup>4</sup> Graduado em Geografia e Educação Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atleta e educador na Escola de Canoa Polinésia Hale Hoe Waa, Niterói/RJ. E-mail: [rodrigofernandez@id.uff.br](mailto:rodrigofernandez@id.uff.br)

**Resumen:** Este ensayo tiene como objetivo informar sobre el proceso de desarrollo de la asignatura optativa Educación Física y Educación Ambiental en el curso de formación de profesores de Educación Física de la Universidad Federal Fluminense (UFF) en Niterói/RJ. En el abordaje metodológico adoptado, analizamos la experiencia de tres ediciones realizadas entre 2023 y 2024, con el objetivo de identificar posibilidades de cambios epistémicos en diálogo con las percepciones de las experiencias relatadas por los alumnos. En este análisis, destacamos la viabilidad de diálogos entre diferentes campos del saber que converjan, en un enfoque sistémico y sensible a la vida planetaria, para construir relaciones y formas de estar en el mundo respetuosas, con seres humanos y no humanos. De esta forma, esperamos contribuir a la reflexión sobre las actuales demandas ecológicas de nuestras sociedades, a partir de prácticas educativas que tengan en cuenta las diversas habilidades motrices y epistemologías.

**Palabras clave:** Educación Física. Educación Ambiental. Baía de Guanabara. Cultura Oceánica. Ecomotricidad.

## The sea is a path: Dialogues between Physical Education and Environmental Education

**Abstract:** The aim of this essay is to report on the process of developing the optional subject Physical Education and Environmental Education in the Physical Education teacher training course at the Fluminense Federal University (UFF) in Niterói, Rio de Janeiro. In the methodological approach adopted, we analyzed the experience of three editions held between 2023 and 2024, in order to identify possibilities for epistemic shifts in dialogue with the perceptions of the experiences reported by the students. In this analysis, we emphasize the viability of dialogues between different fields of knowledge that converge, in a systemic approach that is sensitive to planetary life, to build respectful relationships and ways of being in the world, with human and non-human beings. In this way, we hope to contribute to reflecting on the current ecological demands of our societies, based on educational practices that take into account the various motor skills and epistemologies.

**Keywords:** Physical Education. Environmental Education. Guanabara Bay. Ocean Culture. Ecomotricity.

## INTRODUÇÃO

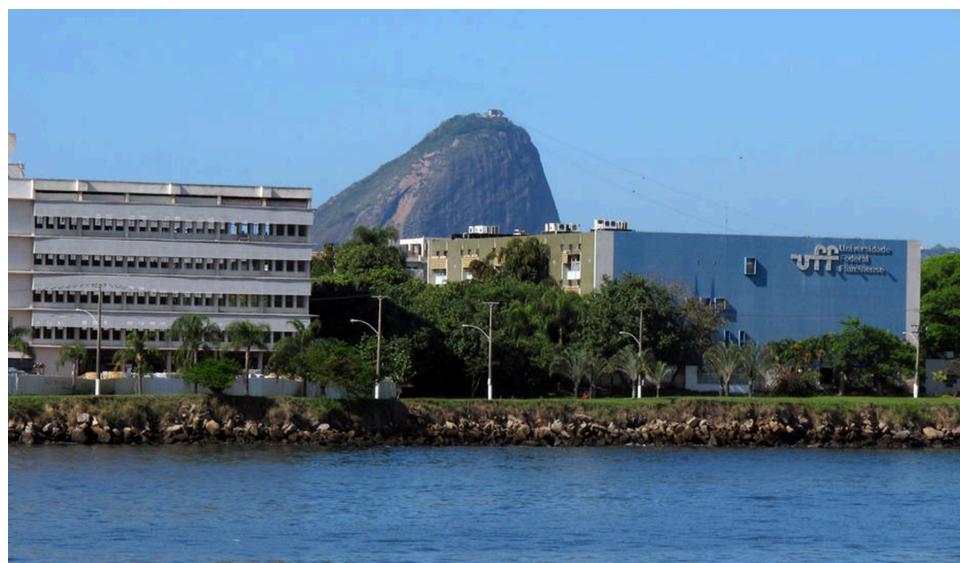
O mar é um caminho, frase que inspira o título desta comunicação, foi enunciada por um dos autores deste trabalho atuando como educador junto a um projeto social de educação ambiental. No momento em que conversava com um grupo de crianças na beira de uma das praias da Baía de Guanabara, na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, e refletia sobre esse lugar de conexão com o oceano, o educador apontava para elas a escola em que estudavam, localizada em uma das margens da baía. Neste projeto, as crianças das escolas do município de Niterói são recebidas na praia para experimentar diferentes experiências sensoriais com elementos marinhos, como a textura de diversas areias de praia, fósseis, animais e conchas, além de dialogar sobre educação ambiental e vivenciar a canoagem polinésia (Fernandez, 2024). Na ocasião, o professor conversava com as crianças sobre a importância das canoas para diferentes povos originários, e neste contexto, como principal meio de transporte para muitos deles. Assim, ao apontar a escola onde estudavam, avistada da beira da praia onde

estavam, indicou a elas que para chegar à escola o mar também é um caminho.

O relato dessa experiência, de olhar o mar como um caminho, também nos inspirou a pensar no mar como uma vereda para a sensibilização de estudantes de um curso de licenciatura em Educação Física para as possibilidades de articulação de seus estudos e ações à Educação Ambiental. A partir do diálogo interdisciplinar entre profissionais das áreas de Educação Física, Geografia, Psicossociologia e Ecologia Social, formamos um grupo de educadoras e um educador para o planejamento e desenvolvimento de uma disciplina optativa denominada Educação Física e Educação Ambiental, que teve sua primeira oferta no segundo semestre de 2023, no curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Assim, o objetivo deste ensaio é relatar o processo de construção e desenvolvimento da disciplina optativa, Educação Física e Educação Ambiental, no curso de formação de professoras/es de Educação Física da UFF, ofertada em três edições (três semestres consecutivos) com ênfase em suas possibilidades de deslocamentos epistêmicos, em diálogo com as percepções das experiências relatadas pelas/os estudantes. Este curso está localizado em um campus universitário, chamado Gragoatá, às margens da Baía de Guanabara, em Niterói, a aproximadamente 13 km da cidade do Rio de Janeiro, caso o caminho seja percorrido pela ponte Rio-Niterói que conecta os dois municípios.

Figura 1 - Prédio da UFF, no Campus Gragoatá, Niterói/RJ, com o Pão de Açúcar ao fundo



Fonte: <https://concursoscc.com.br/wp-content/uploads/2022/11/uff.jpg>.

Nesta localização geográfica, privilegiada por uma linda paisagem, a idealização desta disciplina nasce durante as remadas realizadas na Baía de Guanabara e nossa aproximação com os conhecimentos sobre a cultura da canoagem polinésia. Inicialmente, o sonho tecido coletivamente por este grupo de professoras e professor, era o de tentar proporcionar a experiência da canoagem polinésia para mais pessoas, sobretudo àquelas que não tinham acesso a essa prática por falta de condições financeiras. O argumento que conduzia nosso desejo de democratizar o acesso à canoagem polinésia foi fundamentado na história das canoas, presentes entre os povos originários de diferentes países e ainda muito importantes para a navegação e o trabalho de variadas comunidades como “pesqueiras, ribeirinhas, caiçaras e quilombolas, que se relacionam com a natureza numa perspectiva integradora e respeitosa, servindo de exemplo de outras cosmovisões e permitindo que se vivencie o ambiente natural sob outras perspectivas” (Fernandez, 2024).

Diante do sonho e do desafio de democratização do acesso à canoagem polinésia, fomos construindo a disciplina como uma experiência educativa dialógica, que nos colocou no rumo de descobertas de deslocamentos epistemológicos, tais como propostos pelas *epistemologias ecológicas* (Steil e Carvalho, 2014, p. 172) que, no questionamento das dicotomias moderno colonialistas, como natureza e cultura, corpo e mente, também anunciam outras perspectivas que contemplam as emoções, os sonhos, os desejos e a própria natureza como algo que “nos envolve e constitui”. Nesta rota, embarcamos também na busca por um *envolvimento*, tal como proposto por Nego Bispo (2023), entre e com os seres viventes, especialmente com a vida no mar da Baía de Guanabara.

Essa perspectiva integrada entre natureza, corpo e cultura ganha novo fôlego com a decisão recente do Brasil de se tornar o primeiro país do mundo a adotar oficialmente a inserção da temática da Cultura Oceânica no currículo escolar nacional. Anunciada em abril de 2025, com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), essa iniciativa reconhece a Cultura Oceânica como dimensão fundamental da educação para a cidadania planetária. E assim, propõe a transversalização da noção de sustentabilidade nos processos educativos nos diferentes níveis, na busca por valorizar os múltiplos saberes, práticas e expressões culturais da população brasileira (UNESCO, 2025).

Alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda

2030, e em especial o ODS 14, Vida na Água, e conectada à Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021–2030), essa nova diretriz nacional reforça, também, os princípios que orientaram a construção da disciplina Educação Física e Educação Ambiental. No intuito de superar visões tradicionais e fragmentadas da educação, a disciplina busca articular teoria e prática, bem como saberes corporais, ambientais e socioculturais. Ao valorizar conhecimentos de diferentes contextos, como os saberes ancestrais e as experiências sensíveis com a natureza, a disciplina propõe um modo de aprender voltado para a ampliação da compreensão do mundo e das relações com o território. Nesse contexto, o mar e, mais especificamente, a Baía de Guanabara, podem ser representados, e experimentados, como caminho, paisagem, território e símbolo, assim como um eixo pedagógico de práticas educativas sensíveis, capazes de dialogar com os desafios contemporâneos da formação docente em Educação Física.

Como um estudo de caráter exploratório e descritivo, apresentaremos adiante os objetivos propostos pela disciplina Educação Física e Educação Ambiental, os aportes teóricos e metodologia utilizada para seu desenvolvimento, bem como nossas análises processuais que, realizadas ao longo de três semestres, nos fizeram, em diálogo com relatos das/os estudantes rever, reestruturar, reelaborar e nos emocionar a cada nova descoberta e aprofundamento dos estudos.

Com aceite e consentimento das turmas para colaborar com esta pesquisa, os relatos das(os) estudantes foram coletados a partir do trabalho final da disciplina que consistiu em um relato das experiências vividas ao longo da disciplina. Foram analisados com base na metodologia de análise narrativa que, de acordo com Vilela, Borrego e Azevedo (2021, p.77) se distingue de outras metodologias pelo “fato dela ser composta pela ênfase dada à experiência de pesquisadores e pesquisados, consolidada na trama tecida entre as experiências narradas e o aporte teórico adotado na pesquisa”. Com inspiração nos procedimentos metodológicos apontados por Clandinin e Connelly (2015), os trechos selecionados neste texto serão apresentados de maneira a trazer as experiências vividas ao longo do curso, buscando articular temporalidade e reflexão, para uma leitura sensível e contextualizada dos processos formativos desencadeados. Desta forma, a análise na metodologia narrativa tem como princípio compreender as experiências narradas de quem as vive e, neste trabalho, preservar o sentido atribuído pelas(os) estudantes a cada uma delas.

## **EM BUSCA DE CONEXÕES COM A BAÍA DE GUANABARA**

Segundo a cosmopercepção dos povos amazônicos do alto Rio Negro, como Desana e Tukano, a Baía de Guanabara representa o início do mundo. Compreendendo o Pão de Açúcar como o seio da avó-do-mundo, a Baía é concebida , para estes povos, como um grande lago de leite onde foi originada toda vida, um símbolo de fertilidade e de criação. Essa avó ancestral colocou esses povos dentro de uma canoa-serpente, que subiram em direção à região amazônica para povoar aquele território (Scarano, 2023).

Essa representação potente resgata conexões ancestrais com a natureza e com as águas, que antecedem os mapas, os portos e as próprias consequências das feridas coloniais desse território. Pensar a Baía de Guanabara, um símbolo nacional, a partir dessa cosmopercepção, representa a abertura para outras formas de conhecimento, e assim, entender que há saberes que compreendem o mar para além de um recurso, mas como um princípio, um lugar cíclico, de nascimento e de retorno.

Ao buscar conexões com a Baía de Guanabara, Scarano (2023) nos inspira a refletir sobre a origem do termo utopia, que também nasce nesse cenário e representa o resgate dessa força simbólica e sensível, que pode transformar em sonho coletivo de regeneração esse território ainda marcado pela degradação socioambiental. Isso porque a Baía de Guanabara, inspiração para o navegador e cosmógrafo italiano Américo Vespúcio ao escrever sobre o mundo Tupinambá em 1503, despertou imagens de harmonia entre a natureza e as pessoas. Essas ilustrações inspiraram Thomas More a criar o termo utopia, fazendo com que a Baía de Guanabara representasse tanto uma paisagem, quanto um lugar de origem simbólica de um outro mundo possível. Desta forma, Scarano (2023) acredita que a utopia nasce na Baía de Guanabara.

O resgate da perspectiva de utopia neste ensaio remete a ideia de esperança ativa e de inéditos-viáveis (Freire, 2014) para a construção de futuros, como propõe Paulo Freire. Conectar-se à Baía de Guanabara, no contexto da disciplina Educação Física e Educação Ambiental, representa envolver ensino, ciência, arte e conhecimentos ancestrais na busca pela regeneração do mundo para além da recuperação ecológica de um ecossistema degradado. Ao inserir corpo, território e cultura nesse debate, novas formas de sentir, de conhecer e agir sobre o mundo podem ser pautadas pela noção de pertencimento e pela ética do cuidado.

Com a vivência da canoagem polinésia na Baía de Guanabara presente em

nossas aprendizagens, reflexões e ações sobre a educação ambiental, definimos inicialmente os seguintes objetivos para a proposta da disciplina: a.) Dialogar sobre as relações entre Educação Física e Educação Ambiental como fator de mudança de conceitos, sensibilização da sociedade no contexto das atividades físicas, esportivas e de lazer na natureza; b.) Conhecer os conceitos de ecologia, meio ambiente, território, atividades físicas e lazer, como fonte de qualidade de vida e ancestralidade, de diferentes populações, com ênfase nas cosmopercepções de diferentes povos tais como andinos, indígenas, quilombolas e suas relações com a cultura corporal; c.) Conhecer e dialogar sobre a pesquisa, o trabalho e os movimentos sociais na relação com meio ambiente e a cultura corporal; d.) Planejar e desenvolver coletivamente práxis educativas ligadas à natureza na Educação Física Escolar e não escolar, em perspectivas inclusivas, interseccionais e decoloniais.

Na organização da disciplina, com 60 horas, estes objetivos foram divididos em 3 módulos, a saber: I - Educação Física e Educação Ambiental; II – Pesquisa, trabalho e Movimentos sociais; III – Planejamento e execução de práxis educativas. Nesta organização, o primeiro módulo da disciplina foi dedicado às discussões de textos propostos e à vivência da canoagem polinésia na Baía de Guanabara. Para a realização do módulo II propusemos às turmas a dedicação de 30 horas da disciplina a trabalhos de campo que consistiram em visitas a projetos de educação ambiental, alguns sugeridos por nós, outros que eles mesmos foram descobrindo ao longo do semestre. A proposta do módulo III foi construída coletivamente durante o semestre, inicialmente apenas com a sugestão de que concretizasse a realização de uma ação, de caráter extensionista, em educação ambiental com a comunidade.

Nas três turmas de oferta da disciplina iniciamos os encontros com a seguinte questão suleadora, realizada antes de qualquer outra discussão ou leitura: Qual a sua relação com a Baía de Guanabara? Com o objetivo de direcionar o olhar e os sentimentos das/os estudantes para essa relação, tão próxima e presente para nós, fomos surpreendidas com as respostas da maioria das pessoas nas turmas que disseram não ter nenhuma relação, ou sequer compreender quais eram as possíveis relações entre elas e a Baía de Guanabara, por nunca terem pensado nisso. Na primeira turma, com 33 estudantes inscritos, apenas um estudante identificou uma relação, pois era atleta do surf e costumava praticar o esporte nas águas da Baía de Guanabara. Tal situação nos inquietou e começamos a fazer perguntas que instigavam a refletir sobre isso. Nos

diálogos construídos em torno da questão, foi possível observar que mesmo utilizando as águas da Baía para se descolar, quando realizam a travessia para o Rio de Janeiro de barcas, transporte coletivo da cidade, ou sob a ponte que liga os municípios, ou utilizando as praias do seu entorno como local de práticas esportiva e de lazer, isso não configurava para as/os estudantes uma relação com a Baía de Guanabara. Ou seja, não havia para elas e eles nenhuma ligação, vínculo ou conexão com aquelas águas, ainda que estivessem ali diante dos nossos olhos diariamente no campus universitário, como descrito no seguinte relato:

Quando eu iniciei a matéria não sabia muito a relação entre Educação Física e Educação Ambiental, e também não tinha uma relação com a Baía de Guanabara, e ao longo do semestre pude adquirir mais conhecimento sobre o assunto [...] Minha relação com a Baía de Guanabara não era muito próxima, pois moro longe e quando eu passo nem percebo muito, uma vez que só penso em chegar ao meu destino e também fico com a mente lotada por conta das preocupações em relação a faculdade fico um pouco desatento, mas esse semestre isso mudou um pouco, por conta dessa aula que eu tive (Estudante 4, Turma 2023.2).

A relação entre Educação Ambiental e Educação Física também foi questionada logo nos encontros iniciais. Abrimos as leituras da disciplina com o texto *Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica* (Rodrigues; Gonçalves Junior, 2009) que, como primeiro texto discutido, foi também o que possibilitou ampliar a discussão para o questionamento sobre as bases epistêmicas da Educação Física, abrindo caminhos para a discussão sobre os conceitos de motricidade e motricidade humana (Sérgio, 2022; Toro-Arévalo, 2017).

Para Rodrigues e Gonçalves Junior (2009, p.988) o conceito de ecomotricidade se refere “às práticas corporais desenvolvidas com intencionalidade, relacionada a processos educativos de reconhecimento das relações ser humano-meio ambiente, que primam pela sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica”.

A Ecomotricidade tem sido o foco de estudos também para um grupo de pesquisadores chilenos, do qual faz parte o professor Dr. Sergio Toro-Arévalo que, propondo a superação dos dualismos ontológicos presentes na área que denominamos Educação Física, nos indicam em uma perspectiva epistêmica e ontológica que o termo “asume una mirada sistemática del vivir-conocer e implica una consideración ética permanente en todo el actuar humano, como un participante de una red de relaciones dinámicas que permiten y desarrollan la vida en el planeta” (Toro-Arévalo *et al.*, 2023,

p. 193). No texto *Ecomotricidad, aprendiendo a constituir conciencia relacional*, estes autores nos convidam a reconhecer e considerar, nos processos de aprendizagem, as diferentes relações geradas na coexistência humana.

Neste caminho, o texto de Rodrigues e Gonçalves Junior (2009) nos ajudou a compreender a dificuldade de visualizar relações entre Educação Física e Educação Ambiental, apresentada por parte da primeira turma durante mais da metade do semestre. Isso porque a própria concepção de Educação Física que tinham ainda estava bastante ligada às dicotomias cartesianas, biologicismo e tecnicismo presentes na história da área. Essa relação ficou mais evidente nas duas turmas posteriores, nos semestres seguintes, pois já nas primeiras aulas, durante a leitura do texto referido, manifestaram o entendimento da proposta do conceito de Ecomotricidade e indicaram não haver dúvida alguma sobre esta relação, reforçada e aprofundada pela leitura dos textos e pelas experiências vivenciadas em projetos de Educação Ambiental que também ampliaram suas percepções sobre as temáticas abordadas:

Com todas essas experiências ao longo da disciplina pude, por muitas vezes, relacionar os conteúdos teóricos e discussões com as vivências práticas, o que facilitou a minha compreensão sobre os assuntos e aproximou a minha relação com a Educação Ambiental. Por muitas vezes, me coloquei separada do meio ambiente, como se fossemos distantes e ele estivesse localizado apenas em locais ao ar livre, com grama e plantas, mas consegui entender com a disciplina de Educação Física e Educação Ambiental, que nós coexistimos e precisamos um do outro para manter a harmonia e equilíbrio dessa relação, inclusive adquiri diversas ideias de como relacionar essa Educação Ambiental com a Educação Física escolar (Estudante 2, Turma 2024.2)

No caminho traçado por nós para atingirmos os objetivos propostos, sugerimos às turmas uma aula ministrada pelo professor Rodrigo Sá Fernández sobre a história da canoagem polinésia, indicando-a como uma das inúmeras atividades possíveis a serem desenvolvidas na Baía da Guanabara, como fonte de qualidade de vida e contato com a ancestralidade. Compreendida como uma prática milenar, a canoagem polinésia foi desenvolvida por antigos povos austronésios que habitaram as ilhas do sudeste asiático e foram, ao longo da história, se dispersando a oeste pelo Oceano Índico, e a leste para Oceania (West, 2012).

A canoa polinésia também é chamada de canoa havaiana, Va'a, Wa'a ou Waka, que significam “canoas” em diferentes idiomas regionais, ou Outrigger Canoe, em inglês. Todas essas nomenclaturas representam o mesmo tipo de embarcação. No

entanto, utilizamos a nomenclatura canoa polinésia por entender que o termo canoa havaiana, popularmente difundido, carrega uma forte marca imperialista, ao sugerir que esta prática teria sido criada no Havaí, arquipélago que foi colonizado pelos Estados Unidos, excluindo as demais ilhas do pacífico, que também compartilham dos mesmos costumes e relações com a história e origem das canoas (Fernandez, 2024).

Figura 2: Estudantes remando em canoa polinésia na Baía de Guanabara, Niterói/RJ.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Na primeira edição da disciplina, esta aula sobre a cultura da canoagem, seguida da experiência de remar na canoa polinésia, foi realizada com a turma no penúltimo encontro, quase no encerramento da disciplina, pois, em nosso entendimento, seria a culminância, o ponto alto de todas as reflexões e diálogos levantados no decorrer do semestre.

Todavia, as experiências relatadas pelas/os estudantes após realizarem a remada e as nossas próprias percepções ao avaliarmos este momento, nos levaram a inserir esta aula logo no início do curso nas duas ofertas seguintes, pois compreendemos que para sensibilizá-los, para fazer com que se sentissem pertencentes à Baía de Guanabara e a toda aquela natureza, era preciso que a vivenciassem através do seu corpo, experimentando uma prática ancestral, que era remar utilizando a canoa como uma tecnologia milenar. Parte das/os estudantes relataram as conexões realizadas com o mar a partir de suas experiências nas remadas, como observamos nos seguintes excertos:

[...] não posso deixar de mencionar minha experiência e como isso me ajudou a ver com outros olhos o ambiente que eu vivo, que no caso é a cidade de

Niterói, mais especificamente a Baía de Guanabara. Eu nunca tive muito interesse em praticar atividades marítimas, muito por conta da minha dificuldade em nadar, sendo assim nunca dei muito valor para o mar que cerca Niterói. Para mim era apenas um objeto que fazia parte da paisagem, se estava sujo ou não, não fazia diferença para mim já que eu não entrava na água. Gostei muito de praticar a atividade e de ter percebido o valor que aquele mar tem (Estudante 3, Turma 2024.1).

Pude participar de um projeto chamado Vou de Canoa, e neste projeto realizei minha primeira canoagem, nunca tinha andado de canoa, foi uma experiência incrível, pois tive uma oportunidade de distrair um pouco a mente e também tive a chance de ver a Baía e perceber como é grande e linda, e que mesmo com a poluição ela não perde a sua importância, foi a primeira vez que senti a Baía de perto, pude colocar a mão na água e lavar os pés, foi uma experiência incrível (Estudante 4, Turma 2023.2).

Os sentimentos e as emoções despertadas em todas nós, pessoas que remaram, nos mostraram que remar juntos, para além de nos colocar em contato direto com o mar, nos aproximou uns dos outros, fortalecendo os laços de cooperação e diálogo no grupo.

Figuras 3 e 4: Instruções iniciais sobre a canoa polinésia para a turma da disciplina.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Como proposta do módulo II, estimulamos os alunos a visitarem projetos educativos que de alguma maneira pudessem enriquecer nossos debates. Sugerimos que investigassem iniciativas que tivessem a Educação Ambiental em seu escopo de trabalho, ou que desenvolvessem alguma atividade esportiva ou de lazer em integração com a natureza, para vivenciarem diferentes abordagens profissionais e práticas docentes. Com a sugestão de que buscassem preferencialmente projetos e ações desenvolvidas em suas comunidades, bairros e cidades, nossa intenção neste módulo foi demonstrar aos estudantes como diversas áreas de conhecimento e distintas formas de atuação podem dialogar com a corporeidade, com as problemáticas ambientais e, consequentemente, com suas formações em Educação Física.

As visitas aos projetos foram realizadas ao longo de todo o semestre, em dias e horários escolhidos pelos estudantes, individualmente ou em pequenos grupos que organizaram. Entre os projetos visitados, foram relatados alguns que abordavam atividades esportivas e de lazer, como vela, canoagem, surf e trilhas ecológicas. Outros projetos visitados indicaram trabalhos com ecossistemas específicos focados na conservação, restauração ou manejo de habitats particulares, como mangues, parques, reservas de mata atlântica e comunidades pesqueiras.

Ao desenvolverem o relato de suas experiências nas visitas, entregue como um dos instrumentos avaliativos ao final do curso, sugerimos que buscassem dialogar com as referências bibliográficas e discussões estabelecidas na disciplina, como observamos nos seguintes trechos de um relato sobre a visita à dois projetos diferentes:

No evento do projeto Uçá visualizei pessoalmente a biodiversidade da Baía de Guanabara e áreas adjacentes, me encantei e me surpreendi, mas como em qualquer outro evento que fui o lixo se fazia novamente presente. Penso que onde há vida, há beleza e deve-se ter vontade de mudar para que haja chance de resgatar o que foi prejudicado. “[...] Que a nossa utopia seja um futuro na Terra” (Txai Suruí)<sup>5</sup> [...] Já na Ecotrilha da Uff, descobri lugares cheios de histórias, árvores que possuem histórias, coisas que existiam antes das construções, um rio, por exemplo, partindo disso refleti a provocação feita em sala sobre a relação que temos com a Baía de Guanabara, é impressionante como ficamos vendados e somos influenciados de que ali é apenas um esgoto, discurso esse falso, pois, não só foi um ambiente de reprodução e passagem de diversas espécies como ainda é, há vida em meio às correnteza e lixos ali despejados (Estudante 9, Turma 2023.2).

Nos nossos encontros dialogamos também sobre o texto *Outras naturezas, outras culturas*, de Philippe Descola (2016) que suscitou muitas reflexões relatadas pelas turmas:

As sociedades ocidentais se colocam em uma posição superior a sociedades como os Achuar, com isso não conseguem assimilar e entender a relação desses grupos com a "natureza", o respeito e a relação de igualdade entre os humanos e os não humanos, onde todos fazem parte de uma só natureza. As sociedades ocidentais fazem essa diferenciação entre os humanos e aquilo visto como natureza. E para que ambas as partes tenham uma longevidade futura, é essencial que começemos a prestar mais atenção em outras culturas e outros grupos, para aprendermos com eles (Estudante 2, Turma 2024.2).

Um trecho que me chamou a atenção é a abordagem de Philippe Descola sobre o animismo como um sistema de entendimento em que não humanos,

---

<sup>5</sup> Txai Suruí é uma ativista e líder indígena brasileira da etnia suruí. A frase citada pela estudante em seu relato foi proferida em 2021 por Txai Suruí na abertura da COP26, a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, e reflete a luta dos povos indígenas por justiça climática, defesa da floresta amazônica e da Mãe Terra.

como animais e plantas, são considerados como dotados de intencionalidade e subjetividade. Ele descreve como essa perspectiva, adotada por diversos povos indígenas, dissolve a distinção rígida entre natureza e cultura, tão marcante no pensamento ocidental. Esse trecho é marcante porque desafia a ideia de que a separação entre o humano e o não humano é universal. Ele nos convida a repensar nossas próprias categorias de pensamento e perceber como elas moldam nossas interações com o mundo. Além disso, evidencia a riqueza de modos alternativos de perceber a realidade, destacando a importância de valorizar e aprender com outras cosmologias (Estudante 7, Turma 2024.2).

Em aproximação com o rompimento das dicotomias presentes na ciência moderna, questionando o biocentrismo e o antropocentrismo, as articulações com os textos de Ailton Krenak (2018; 2020) também foram muito presentes nos relatos:

A leitura dos textos de Ailton Krenak durante o semestre foi fundamental para complementar essas experiências práticas com uma perspectiva crítica e reflexiva. Em *Ecologia Política*, Krenak destaca como a separação entre os sujeitos coletivos e o lugar de existência é uma consequência da violência colonial, que rompeu com a relação orgânica entre humanos e natureza. Essa reflexão me levou a perceber como as trilhas e os projetos vivenciados não são apenas atividades recreativas, mas oportunidades de resgatar essa conexão essencial com o ambiente que habitamos. Além disso, no texto *O Amanhã Não Está à Venda*, Krenak questiona o antropocentrismo e a visão de progresso que desconsidera os limites da natureza. Essa crítica ressoou fortemente durante [a visita ao] o projeto TransMaricá, onde ficou evidente que a sustentabilidade depende de uma mudança profunda em nossos valores e práticas (Estudante 5, Turma 2024.2).

Alguns dos projetos visitados contribuíram significativamente para a construção dos debates travados ao longo da disciplina, a exemplo do Projeto Vou de Canoa e Projeto Grael, que abordam as práticas de canoagem e vela, respectivamente. Tais espaços educativos, além de permitir que as/os estudantes vivenciassem um trabalho que congrega a Educação Física e a Educação Ambiental, também trouxeram muitas reflexões enriquecedoras.

O Projeto Vou de Canoa mistura a Educação, o Esporte e a Cultura, onde pude vivenciar um pouco e aprender sobre a Canoa Polinésia [...] quando foi falado sobre a relação do ser humano com o mar, me fez lembrar do primeiro dia da disciplina que começamos a discutir alguns conceitos sobre a Educação Física e Educação Ambiental, quando a professora fez a seguinte pergunta: Qual é a minha relação com a Baía de Guanabara? E como foi difícil para mim pensar e escrever quais relações eu tinha. E durante toda a disciplina foram trazidos diversos textos que nos fazem pensar não só na nossa relação com o mar, mas também com todo o ambiente e o que temos feito para mudar aquilo que está à nossa volta (Estudante 1, Turma 2023.2).

O contato das turmas com autores decoloniais e ameríndios também proporcionou que refletissem sobre suas práticas, e alguns estudantes foram tocados

pela oportunidade de conversar com o professor Dr. Gustavo Arantes Camargo<sup>6</sup>, um dos nossos convidados, em uma aula sobre a atual crise climática, o conceito de racismo ambiental e o livro *Ecologia Decolonial* de Malcom Ferdinand (2022). Ao citar um trecho do prefácio deste livro, escrito por Angela Davis, uma das estudantes comenta:

Destaco o seguinte trecho: "Ferdinand nos convida a mobilizar métodos holísticos de investigação e respostas a crises fundamentados nas interdependências que nos constituem como um todo – plantas, humanos e demais animais, solos, oceanos – ao mesmo tempo que reconhece que o racismo posicionou a supremacia branca no coração de nossas noções do humano" (Davis, 2022, p. 9). Esse trecho é marcante porque ressalta a importância de uma abordagem integrada para entender e enfrentar as crises ambientais, reconhecendo a conexão entre todos os seres vivos e os ecossistemas. Além disso, ele aponta como o racismo estrutural, especialmente a supremacia branca, influenciou nossas ideias sobre humanidade e natureza, impactando de forma negativa tanto as políticas ambientais quanto sociais (Estudante 7, Turma 2024.2).

O que me chamou atenção nesse texto/prefácio foi a reflexão de Malcom Ferdinand sobre como o racismo, o colonialismo e a escravidão não apenas determinam quem sofre mais intensamente com os impactos ambientais, mas também configuram as próprias bases de um sistema que perpetua a destruição ambiental (Estudante 8, Turma 2024.2).

A partir dessas leituras, alguns estudantes passaram a questionar as bases epistemáticas e as supostas neutralidades das ciências modernas na validação e produção dos conhecimentos. Nesse sentido, destacamos também como alguns estudantes relacionaram suas reflexões sobre a hierarquização dos saberes com as experiências vividas nos projetos que visitaram, sobretudo naqueles com os quais tiveram contato com lideranças comunitárias:

[...] talvez o aprendizado mais profundo tenha vindo da interação com os moradores locais, que, de maneira sutil e direta, me ensinaram uma lição valiosa: nós, enquanto seres humanos, não conseguimos viver plenamente sem estar em sintonia com o lugar ao qual pertencemos, com o nosso lar, com aquilo que somos: a natureza. Esse pensamento ecoou com tudo que aprendi na disciplina de Educação Física e Educação Ambiental. Não se trata apenas de sobreviver, mas de coexistir com a natureza, respeitando e cuidando do ecossistema ao nosso redor, mesmo diante das adversidades que surgem com o avanço das atividades humanas.[...] O caseiro do museu, o Senhor Paulo, morador da comunidade, nos conduziu pelo museu e compartilhou conosco as descobertas científicas que ocorreram ali, incluindo fósseis de espécies como o tatu mais antigo do mundo e o ancestral das emas, além de vestígios de criaturas gigantes, como a preguiça e o mastodonte. [...] **Paulo, que não é cientista, mas sim um pesquisador da vida, com anos de experiência como observador e morador daquele lugar,** nos relatou as consequências

---

<sup>6</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) onde ministra a disciplina Filosofia da Educação para cursos de Licenciatura do Campus Macaé/RJ e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC). Professor de Capoeira Angola do Grupo de Capoeira Angolinha (GCANG).

da exploração humana sem o devido cuidado com a natureza. O lago que antes abastecia a comunidade agora está poluído e inacessível, um reflexo direto da exploração mineral na região gerada pela Companhia Nacional de Cimento de Portland. Esse relato me fez recordar as reflexões de Ailton Krenak sobre o conceito de "xawara", que descreve as doenças e os desequilíbrios que surgem quando o ser humano perde sua conexão com o meio ambiente. O lago eutrofizado é um exemplo claro de como a exploração desenfreada pode causar danos irreversíveis aos ecossistemas locais e afetar diretamente a qualidade de vida das populações que dependem dele (Estudante 7, Turma 2024.2, grifos nossos).

Como atividade de encerramento da disciplina, propusemos às turmas que organizassem e desenvolvessem um evento que, caracterizando uma ação extensionista e de Educação Ambiental, fosse relevante tanto para eles, quanto para o público a quem a ação seria direcionada.

No primeiro semestre de realização da disciplina, impactadas/os pela troca oportunizada pela professora Rejany Ferreira<sup>7</sup> que, em uma aula sobre a bacia hidrográfica da Baía de Guanabara, abordou as problemáticas relacionadas à produção de lixo da indústria têxtil, a turma decidiu organizar um bazar/brechó para doação e troca de roupas usadas. Para embalar este encontro, selecionaram e reproduziram algumas músicas que se relacionavam com a temática ambiental e também realizaram o plantio de uma muda de uma árvore aroeira.

Essa atividade de plantio foi realizada em parceria com o Programa de Extensão Vida no Campus, vinculado ao Instituto de Psicologia, que, desde 1997 realiza atividades relacionadas à saúde mental e educação ambiental no campus da UFF. As atividades de Ecopsicologia envolvem jardinagem terapêutica, ecotrilhas no campus, oficinas de artesanatos e arborização e conservação dos espaços da universidade.

---

<sup>7</sup> Geógrafa, Mestra em Dinâmicas dos Oceanos e da Terra (Universidade Federal Fluminense). É integrante do Observatório da Bacia Hidrográfica do Canal do Cunha, do Comitê de Bacia Hidrográfica da Baía da Guanabara e do Conselho Consultivo da Fundação Instituto das Águas do Município do Rio de Janeiro, além de membra do Grupo de Pesquisa Saúde, Ambiente e Saneamento, vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz).

Figuras 5 e 6: Plantio de árvore e oficina de confecção de placas



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Além disso, realizaram uma oficina de confecção de placas, que foram distribuídas no entorno do prédio do Instituto de Educação Física da UFF, com o intuito de chamar a atenção para a ocupação e fruição dos espaços verdes ali disponíveis. Nestas intervenções, buscaram dialogar com a comunidade sobre algumas questões ambientais, a partir das reflexões da disciplina, convidando para desfrutar do espaço, das sombras das árvores e da paisagem constituída pela Baía de Guanabara.

Figura 7: Estudantes contemplando a vista da Baía de Guanabara, com a placa confeccionada pela turma em primeiro plano e a Ponte Rio-Niterói ao fundo.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Nos semestres subsequentes, as/os estudantes somaram às atividades realizadas pela primeira turma a proposta de realização de uma aula de Yoga sob as sombras das árvores dos espaços verdes do campus. A atividade de troca de roupas com a realização do bazar se tornou uma estratégia de sensibilização sobre a redução do consumo e também de oportunidade de diálogos sobre sustentabilidade, que foi ganhando a adesão de estudantes de outros cursos e de funcionárias/os do campus.

Apesar do sucesso dos eventos, estimulados pela alegria e engajamento das turmas, foi possível perceber como ainda existia uma certa insegurança no momento de criar as atividades e avaliar se, de fato, aquele evento se caracterizaria como uma ação de Educação Ambiental. Em nossa análise, tal dúvida demonstrou o cuidado e atenção das/os estudantes com a temática que estavam conhecendo naquele momento e pelas discussões geradas a partir do texto *Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora* (Loureiro, 2009), no qual o autor dialoga sobre as diferentes perspectivas de Educação Ambiental:

As aulas de Educação Ambiental não são apenas dedicadas à preservação, catar um lixo aqui e separar ele, mas sim tomar consciência de quem somos e qual o impacto causamos na natureza, seja apenas povoando um espaço ou mesmo praticando alguma atividade nele. Somos e estamos cercados de natureza e, como professores de Educação Física temos uma imensa responsabilidade de passar informações para nossos alunos e alunas sobre a forma como nos relacionamos e nos movimentamos na vida, misturando ecologia que é o estudo da casa com a motricidade que está relacionada aos nossos movimentos e como dialogam entre si (Estudante 6, Turma 2024.2).

Ao longo dessas atividades, senti uma mistura de encantamento e responsabilidade. O contato direto com a natureza trouxe momentos de introspecção e alegria, mas também ressaltou a urgência de ações concretas para preservá-la (Estudante 5, Tuma 2024.2).

Figura 8: Placas confeccionadas pelas turmas.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Aportando na finalização do compartilhamento das experiências que a disciplina Educação Física e Educação Ambiental nos proporcionou, ressaltamos que a riqueza das partilhas de conhecimentos e sentimentos que identificamos no percurso foi maior porque as pessoas envolvidas se colocaram generosamente disponíveis para que elas acontecessem. Navegando conosco, contamos com a participação de colegas pesquisadoras/es e professoras/es, entre as/os quais, a professora Nathália da Rocha Corrêa Barros<sup>8</sup> que proporcionou às turmas uma aula sobre os conceitos de território e interseccionalidade, imbricados na discussão acerca do direito ao acesso às práticas esportivas e de lazer de mulheres e da população periférica. Na ocasião, a professora articulou os estudos de sua pesquisa de mestrado (Barros, 2023) sobre esta temática com a abordagem do racismo ambiental, problematizado durante a execução de um jogo proposto no campo de futebol. Neste local, íamos, gradativamente, e sem justificativas, alterando as condições do espaço disponível (tamanho do campo, obstáculos, etc.) de maneira desigual apenas para uma das duas equipes que competiam, tentando manter seu espaço livre de bolas que iam sendo jogadas de um campo para outro continuamente.

Na mesma perspectiva de explorar as desigualdades geradas pelos recortes de

<sup>8</sup> Mestra em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (PGEBS/IOC/Fiocruz). Professora de Educação Física na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio e na rede municipal de Educação básica de Niterói/RJ.

gênero, raça e classe, contamos também com a contribuição do Professor Flávio Paixão<sup>9</sup> que ministrou a aula intitulada *Impactos ambientais na Baía da Guanabara*, enfatizando as condições precárias de saneamento das regiões periféricas e empobrecidas da cidade. Neste encontro, grande parte da turma foi tocada pelo diálogo ao reconhecerem e identificarem, em suas origens periféricas, os problemas elencados pelo professor ao discutir quem são as pessoas que estão mais vulneráveis aos problemas ambientais, e como as diferentes opressões fazem parte do sistema que mantém as desigualdades e os desastres socioambientais.

## CONCLUSÃO

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Bispo, 2023, p. 4).

Como nas confluências, propostas por Nego Bispo (2023), filósofo quilombola brasileiro, compreendemos que nossos anseios pelo desenvolvimento da disciplina Educação Física e Educação Ambiental se encontraram com as experiências e reflexões relatadas pelas/os estudantes para fortalecer nossas convicções nas possibilidades de realização de práxis educativas que, em uma abordagem sistêmica e sensível à vida planetária, contribuam para as atuais demandas ecológicas de nossas sociedades.

Consideramos, a partir desta experiência, que a abertura para o diálogo e partilha entre diferentes campos de saberes e modos de aprender e ensinar também conflui para a ampliação de nossas possibilidades de ser e estar em harmonia com o mundo, com os seres humanos e não humanos. Entendemos que tal postura também pode nos fortalecer no enfrentamento das adversidades causadas pelo sistema mundo que Grosfoguel (2016) denomina patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista, que influencia a educação com suas construções epistêmicas.

Em análise interseccional, bell hooks (2017) chama de patriarcado capitalista de supremacia branca o pensamento que estrutura a episteme dominante, portanto os sistemas educativos, promovendo as desigualdades de gênero, raça e classe. Essa educação colonialista é denominada por Nego Bispo (2015) como

---

<sup>9</sup> Mestre em Biologia Parasitária, Rapper e Professor de Biologia da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV - FIOCRUZ).

euro-cristã-monoteísta, contraposta aos modos de aprender e ensinar dos povos afro-pindôramicos politeístas, que, em suas cosmogonias e cosmopercepções do mundo, apresentam formas respeitosas de relação entre todos os seres e entre estes e o mundo.

Essa relação fundamenta o processo de regeneração indispensável ao cuidado com a natureza, e com a própria Baía de Guanabara, que resiste apesar de ser continuamente agredida pelos dejetos resultantes do modo capitalista de produção e de consumo, que instiga a produção de desejos insaciáveis. Para Scarano (2019, p. 11), regenerar “implica plantar, limpar, cuidar. A cura se dá pelo amor. Amor a si mesmo, amor ao próximo, amor à natureza - sem hierarquia, como ensinavam e ensinam os povos ancestrais”. Inspiradas por essa perspectiva, buscamos, por meio da disciplina Educação Física e Educação Ambiental, oferecer às novas gerações de estudantes a oportunidade de sonhar, experienciar e esperançar a potência regenerativa desse território, considerado por Scarano (2023) como o berço da utopia.

Quando remamos em uma canoa polinésia, uma das primeiras aprendizagens relacionadas ao movimento da remada se refere à importância da sincronia dos gestos das remadoras e remadores e do trabalho em equipe, para o bom desenvolvimento da navegação. Quanto maior a sincronia entre as remadas, melhor é o deslocamento da embarcação, o que faz da canoagem uma prática que depende da coletividade, embora cada remador tenha uma função diferente dentro da canoa e possa ter habilidades e capacidades motoras diversas. Neste sentido, utilizamos essa aprendizagem como metáfora para pensarmos na importância de se reconhecer a diversidade na produção do conhecimento, considerando como interlocuções válidas as diferentes bases epistêmicas, ou como propõem os estudos das epistemologias ecológicas:

Conhecer torna-se, assim, não apenas um esforço para imaginar o mundo da forma como ele é imaginado por outras culturas, mas para abrir-se à possibilidade de estender a experiência para a diversidade da imaginação de outras espécies e elementos que partilham conosco a aventura da vida e do existir no universo (Steil e Carvalho, 2014, p.175).

Nesta metáfora, remar em sincronia se refere, portanto, a reconhecer a interconexão que compartilhamos para nos deslocarmos melhor pela vida.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Nathália. R. C. **Prática de atividade física entre mulheres estudantes trabalhadoras:** aproximações sobre o ensino de educação física, interseccionalidade e a promoção da saúde. 2023. 173 f. Dissertação (Mestrado em em Ensino em Biociências e

Saúde), Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ. 2023.

BISPO, Antônio S. **Colonização, Quilombos:** modos e significados. Brasília/. DF: INCTI/UNB, 2015.

BISPO, Antônio S. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiências e histórias na pesquisa qualitativa. 2. ed. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores Ileel/UFU. Uberlândia: Udufu, 2015. 250 p.

DAVIS, Angela. Prefácio. In: FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 9-14.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas.** Trad. Cecilia Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

FERNANDEZ, Rodrigo Sá. **Canoa polinésia na escola:** possibilidades de interdisciplinaridade nas aulas de Educação Física. 2024. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Educação Física. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemocídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Ethnoscientia**, v. 3, n. 2 (Especial), 2018, p. 1-2. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/view/10225/0>. Acesso em: 18 jun. 2025.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 37–54, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>. Acesso em: 09 jun. 2025.

RODRIGUES, Caê; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: Sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, 15(4):987-99522, 2009. Disponível em:  
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3252/2759>. Acesso em: 09 jun. 2025

SCARANO, Fábio R. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.

SCARANO, Fábio R. Baía de Guanabara: arte, ciência, natureza e o imaginário da sustentabilidade. **Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ – Em Revista**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:  
<https://emrevista.forum.ufrj.br/baia-de-guanabara-arte-ciencia-natureza-e-o-imaginario-da-sustentabilidade/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SÉRGIO, Manuel. Motricidade humana: o itinerário de um conceito. **Motricidades**: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 15–25, 2022. DOI: 10.29181/2594-6463-2022-v6-n1-p15-25. Disponível em:  
<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2022-v6-n1-p15-25>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TORO-ARÉVALO, Sergio Alejandro. Motricidade, em-ação e fenomenologia: a articulação conceitual da existência. **Motricidades**: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 78–90, 2017. DOI: 10.29181/2594-6463-2017-v1-n1-p78-90. Disponível em:  
<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2017-v1-n1-p78-90>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TORO-AREVALO, Sergio Alejandro; LUHRS-MIDDLETON, Otto; ROSALES-OJEDA, Jaime; MORENO-DONÁ, Alberto; PEÑA-TRONCOSO, Sebastião. Ecomotricidade, aprendendo a constituir a consciência relacional. **Estudos Pedagógicos**, [S. l.] , v. 49, n.º Especial, p. 189–206, 2023. DOI: 10.4067/S0718-07052023000300189. Disponível em:  
<http://revistas.uach.cl/index.php/estped/article/view/7385>. Acesso em: 19 jun. 2025.

UNESCO. Brasil é o primeiro país do mundo a lançar elaboração de currículo escolar nacional sobre cultura. [S.l.]: **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)**, publicado em 10 de abril de 2025. Disponível em:  
<https://www.unesco.org/pt/articles/brasil-e-o-primeiro-pais-do-mundo-lancar-elaboracao-de-curriculo-escolar-nacional-sobre-cultura>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VILELA, Elaine Gomes; BORREGO, Cristhiane Lopes; AZEVEDO, Adriana Barroso de. Pesquisa narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, São Caetano do Sul, v. 6, n. 12, p. 75-84, 2021. DOI: <https://doi.org/10.13037/rea-e.vol6n12.8129>. Acesso em: 21 ago. 2025.

WEST, Steven. **Outrigger Canoeing: The Ancient Sport of Kings**. Batini Books, 2012.